

*Senhor Presidente FELIPE SANTA CRUZ;*

*Senhores Diretores;*

*Senhores Membros Honorários Vitalícios;*

*Senhora e Senhores Titulares da Medalha Rui Barbosa;*

*Senhora Presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros;*

*Senhoras e Senhores Conselheiros;*

*Meus colegas:*

Por mais preparados que estivéssemos, nestes tempos difíceis, para notícias sombrias, a que nos colheu, de surpresa, na manhã do dia 3 do corrente, simplesmente nos atordoou: falecera em Belo Horizonte, na noite anterior, nosso colega ARISTÓTELES ATHENIENSE. Vítima do flagelo que grassa pelo mundo, quase todos ignorávamos, no entanto, padecesse ele dessa moléstia e menos ainda saberíamos que o seu estado de saúde se mostrasse tão delicado. Mal se recuperara de um acidente doméstico, que graves lesões lhe provocara e logo veio a ser atacado pelo vírus que tantas vidas já ceifou. Erguera-se, intrépido, como em outras lutas, daquele revés circunstancial e todos já o víamos, sobranceiro e confiante, a porfiar novos embates, na arena forense, quando, de repente, tombou, como a árvore que cai ao impacto da tempestade. O velho jequitibá, até então altaneiro e frondoso, veio ao chão. Mas, certamente, como sói acontecer na vida vegetal, deixando para ser colhidos, por quantos o admiravam, suas flores ainda viçosas – expressão do entusiasmo que lhe era peculiar – e seus frutos opimos – os frutos do seu talento –, dos quais os que se acostumaram a haurir suas lições continuarão a beneficiar-se.

Aristóteles tornara-se, realmente, ao cabo de sessenta anos de exercício da advocacia, um mestre da profissão, um advogado paradigma, um expoente da classe. Não apenas produzia razões brilhantes e sustentações eloquentes perante o Tribunal de Justiça de Minas Gerais; erigia-se, em sua faina profissional, num professor que, despreziosamente, difundisse ensinamentos para os colegas mais novos. Ele se tornara, em Belo Horizonte, o que foram, à sua época, alguns dos seus mais ilustres predecessores – Mendes Pimentel, Milton Campos, Pedro Aleixo, José Olympio de Castro Filho, Túlio Marques Lopes: ou seja, era um exemplo a ser seguido, o símbolo de um profissional vitorioso, no mais exato sentido do termo.

Aristóteles foi desses advogados que, tendo consciência do seu destino, buscam realizar-se não só no âmbito restrito do escritório, acumulando êxitos, mas procurando servir à classe a que pertencem e realizar os ideais que a advocacia tem em vista. Por isso, enveredou pela vida corporativa, despontando, aí, como um líder. Conselheiro Seccional, tornou-se, em 1979, Presidente da Ordem, em Minas, reelegendo-se, em seguida, para um segundo mandato. Quando o grupo a que pertencia (e no qual também eu me incorporara) ainda era minoritário no estado, viu-se eleito, em 1991, pelo Conselho Seccional, para um dos três lugares da representação de Minas no Conselho Federal. Fomos, então, seus companheiros de chapa o também saudoso Gustavo de Azevedo Branco e eu. Em 1993, os três comporíamos, afinal, a bancada do nosso estado neste Conselho Federal e ele seria indicado para integrar a diretoria, como Secretário-Geral, na gestão do Presidente José Roberto Batochio. Mais tarde, tornar-se-ia Vice-Presidente do Conselho Federal, na administração do Presidente Roberto Antônio

Busato. Nesta Casa, exerceu, ainda, a elevada função de Presidente da Comissão de Relações Internacionais. No exterior, foi membro da Federação Interamericana dos Advogados, da American Bar Association e da Federação Internacional dos Advogados.

Além da Ordem, serviu igualmente a duas instituições culturais da nossa classe, o Instituto dos Advogados Brasileiros e o Instituto dos Advogados de Minas Gerais, cujos Conselhos Superiores integrava.

Cultivando o gosto não só pelo Direito, como pela história e pela literatura, Aristóteles era membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e, por cinco anos, presidiu a Academia Mineira de Letras Jurídicas. Sua atuação na advocacia empresarial granjeou-lhe prestígio no meio dos seus clientes, levando-o a atuar também como diretor da Associação Comercial e Empresarial de Minas Gerais.

Como advogado, militando na área cível, especialmente em segunda instância, pontificou no antigo Tribunal de Alçada e, ao longo de toda a vida profissional, no Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Conquistou, assim, numerosa clientela em todo o estado e estabeleceu relações duradouras nas principais cidades de Minas. Era, aliás, além de cidadão prestante, um homem sociável, um fidalgo no trato. Esses atributos lhe valeram o título de cidadão honorário em mais de um município: Belo Horizonte, Uberaba, Salinas e Pitangui.

A 6 de dezembro de 2019, Aristóteles recebeu a que terá sido a última homenagem com que foi distinguido em vida: a Medalha Desembargador Hélio Costa. Esta insígnia corresponde à condecoração oficial do Tribunal de Justiça de Minas Gerais e tem em vista distinguir *“aqueles que venham prestando ou tenham prestado relevantes serviços ao Poder Judiciário local”* e que, ademais, hajam feito por merecê-la em razão de uma *“conduta ilibada”*, conforme os termos da Resolução n. 296/1995, que a instituiu. É conferida, de dois em dois anos, em cada comarca, por indicação de comissão constituída por representantes dos três Poderes, bem como do Ministério Público e da Advocacia. Aristóteles a recebeu na Comarca de Rio Novo – a Comarca de sua terra natal. Essa circunstância conferiu significado especial à homenagem e permitiu ao agraciado, ao agradecê-la, rememorar toda a sua vida, a partir do nascimento, naquela cidade, a 1<sup>o</sup>. de fevereiro de 1936, filho do Dr. Lafayette Atheniense e de sua esposa D. Conceição Dutra Atheniense. Foi um discurso primoroso e uma solenidade memorável, a que estive presente.

Seria essa a última vez que abraçaria o meu velho amigo. Conhecera-o nos idos de 1958, quando da Semana Nacional de Estudos Jurídicos realizada em Natal, ele já quartanista de Direito, em Belo Horizonte, eu iniciando o curso, em Juiz de Fora. Nasceu, aí, a amizade que se estenderia por toda a vida e que, na verdade, era a continuação da que, antes, unira nossos ancestrais, naquela região da Mata mineira. Provínhamos, Aristóteles e eu, de cidades coirmãs, surgidas, respectivamente, uma no bruxulear do século XVIII e a outra nos albores do século XIX, quando bandeirantes vindos dos lados do Piranga, por via fluvial, enveredaram por um riacho sinuoso que batizaram de Caranguejo e, indo até a sua embocadura, encontraram um rio mais largo, a que deram o nome de Rio Novo. Aportando às margens deste, fundaram o povoado de Nossa Senhora Conceição do Rio Novo. Descendo, depois, alguns deles o mesmo rio, foram fundar, mais adiante, outro povoado, onde, como no primeiro, erigiram uma capela. Surgiram, assim, mais ou menos à mesma época, a capela do Rio Novo de cima e a capela do Rio Novo de baixo, recebendo, mais tarde, o lugar que, em torno dessa última cresceria, como padroeiro, um santo tcheco com aura de mártir, cujo nome, justaposto ao do mesmo rio, originou o seu primeiro topônimo (não oficial), São João Nepomuceno do Rio Novo.

Quis o destino que um modesto filho do Rio Novo de baixo viesse, hoje, homenagear, nesta sessão do órgão máximo de sua classe, a memória de um dos mais ilustres filhos do Rio Novo de cima. Não posso fazê-lo deixando transparecer abatimento; devo conter a emoção e sopitar a tristeza, para dar, ao revés, testemunho de fé no destino transcendental daquele que partiu e de otimismo com relação à caminhada que nós, os que ficamos, devemos prosseguir, já agora sem a sua companhia. Afinal, foi nesse sentido a última lição que Aristóteles nos legou.

Colaborando em jornais, havia algum tempo, Aristóteles publicou na edição de 19 de junho último do *Diário do Comércio*, de Belo Horizonte, seu derradeiro artigo, com o seguinte título: *Como ser otimista*. Nessa página, de apurado estilo, em que se pode entrever um traço premonitório, o nosso pranteado colega escrevia:

“Aos oitenta e quatro anos, sou levado a admitir que a saudade a gente mata; a lembrança a gente guarda; a tristeza a gente supera. Mesmo quando a saudade é sofrida, esta é a melhor prova de que o passado valeu a pena. Este passado a gente embrulha, coloca um laço de fita e torna-se um vistoso presente...”

Mais adiante, dizendo-se empenhado *“em fazer apologia do otimismo”*, Aristóteles afirmava que o *“mundo pertence aos otimistas”* e que, por isso, devemos *“cultivar a alegria em relação à esperança e ter paciência diante do infortúnio”*.

E concluindo com uma profissão de fé no valor que mais acalentava, o nosso companheiro, sempre idealista, proclamou:

*“Espero que a justiça jorre neste País como uma fonte e a equidade como uma poderosa correnteza. Já é hora de tirar esta Nação da areia movediça das inconstâncias sociais, de modo que possa se abrigar na sólida rocha da fraternidade.*

*Vamos ser otimistas, por maiores que sejam os riscos e atropelos que a Pátria ainda venha a enfrentar.”*

Era essa a filosofia de vida de Aristóteles Dutra de Araújo Atheniense. Resignação diante do infortúnio, otimismo em face do futuro.

Pensando assim – e parodiando suas palavras --, todos haveremos de tomar a sua vida laboriosa e fecunda como um passado que nos cabe envolver no papel mais vistoso, fechando-o com o laço da nossa mais firme admiração e dele fazendo o melhor presente que pudéssemos desejar. O presente que ele nos deu, a vida que ele compartilhou com a sua querida esposa, Elizabeth e com os diletos filhos, Alexandre, Denise, Elisa e Luciana. A vida que ele viveu intensamente nos pretórios e na Ordem dos Advogados do Brasil. Obrigado, Aristóteles, por este régio presente, de que procuraremos ser dignos, continuando a batalhar pelas mesmas causas em que, com tanto denodo, se empenhou.

\*\*\*\*\*

*De Juiz de Fora para Brasília, em 7 de julho de 2020.*

**PAULO ROBERTO DE GOUVÊA MEDINA**